

6

Vozes contínuas gerando reflexões contínuas

Movida pelos meus questionamentos advindos de vozes ecoadas de um conselho de classe de uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro, pretendo no atual capítulo, fornecer respostas e reflexões sobre as questões de pesquisa indicadas por mim na introdução dessa dissertação, assim como representar-me como professora de inglês e participante do universo pesquisado. Tais questionamentos indicavam desde o início, possível preconceito relacionado ao ensino/aprendizagem de língua inglesa como LE no setor público, especificamente na escola pesquisada, local onde os dados geraram-se, assim como outros questionamentos.

Visto o jogo discursivo das diferentes vozes ecoadas nas notas de campo, nos PCN-LE, na Reorientação Curricular (2005), na entrevista com a professora de inglês, na análise dos dados em si, que geraram mais vozes questionadoras e contínuas, tornou-se clara a existência de elementos dialógicos e polifônicos no discurso humano, reconhecidos por Bakhtin (1974; 1979) e confirmados na pesquisa. Os enunciados apresentados e discutidos aqui constituem uma rede discursiva tecida por múltiplas vozes. Utilizando termos bakhtinianos, as vozes que ecoam da análise dos dados “conhecem-se” umas às outras, “refletem-se mutuamente” (Bakhtin, [1979]; 2003: 316) e acabam tecendo a polifonia de seus discursos.

A visão de mundo e as concepções de cada sujeito-falante influenciam sua atividade discursiva e sua prática pedagógica. Um determinado discurso se interrelaciona dialogicamente com outros discursos, com os quais dialoga a respeito de concepções e ideologias. Assim, a cadeia discursiva mantém-se sempre contínua (Junqueira, 2003: 190).

A voz da professora de matemática na nota de campo nº. 4 entrelaça-se à voz da professora de português na nota de campo nº. 1 ecoando simultaneamente. Quando a professora de português afirma que “inglês é acessório” e a professora de matemática ressalva que o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira no setor público “é uma história ridícula”, ambas acabam representando o papel da

LE como desnecessário em tal contexto, e assim sendo, dentro da escola em questão. A meu ver, o preconceito em relação ao ensino/aprendizagem de inglês como LE dentro da escola pesquisada, torna-se claro a partir das vozes que ecoam dos comentários das duas professoras. Tais vozes levam-me a crer que o comentário gerador da nota de campo nº. 1 não foi um fato isolado ou tampouco determinado por algum contexto específico e não disponível para análise no momento de sua constituição.

A voz que ecoa da professora-pesquisadora soa como resposta a tal preconceito distanciando-se da opinião formada pelas professoras em questão, pois acredito que a aprendizagem de uma língua estrangeira inclua um envolvimento com os embates discursivos que os enunciados a que somos expostos em tal língua possibilitam, ou seja, estamos discursivamente posicionados de certos modos e podemos alterá-los de forma a construir outros mundos sociais melhores ou até mesmo outros significados sobre quem somos na vida social. Desta forma, também ficou explicitado através da análise, que ao lado das vozes que ecoam simultaneamente, há também vozes que se distanciam e parecem ir em direções opostas umas as outras, quase despersonalizando-se.

Outro aspecto constatado no discurso das professoras de português e matemática das notas de campo 1 e 4 respectivamente, diz respeito a representação que as mesmas fazem dos professores de LE. Se para elas, o ensino/aprendizagem de LE demonstra-se desnecessário, o papel atribuído ao professor de tal disciplina torna-se desnecessário também, ou utilizando o termo da professora de português, “acessório”. Celani e Magalhães (*apud* 2002: 327) atestam que entre as representações dos professores sobre o profissional docente de LE na escola pública existe, em diversos casos, desvalorização do mesmo como ser profissional perante as esferas superiores da cultura escolar, perante os colegas de outras áreas, os alunos e os pais.

Ao sentir que sua disciplina tem menos valor ou valor algum, como poderia sentir-se o professor de LE além de desnecessário ou termo acessório? Dentro da perspectiva bakhtiniana (1977; 1979), onde a linguagem é entendida como um fenômeno social, histórico e ideológico, esta é vista como tendo papel crucial na construção do homem como ser social. Isto é, à medida que as vozes dos integrantes de cada situação de comunicação verbal entram em contato e constroem, reconstroem, ou traduzem em sentidos os significados que estão sendo

negociados, sua consciência, seu conhecimento de mundo, e, em última análise, eles próprios se completam e se constroem continuamente nas suas práticas discursivas e nas dos outros.

Ainda dentro de tal perspectiva, entende-se que à medida que as vozes dos professores de inglês como LE dentro da escola pesquisada entram em contato com outras vozes, nas situações de comunicação verbal de que participam, tais profissionais constroem e reconstróem suas crenças e seus conhecimentos sobre os processos de ensinar e aprender línguas, bem como suas concepções sobre a natureza social da linguagem e da aprendizagem, em última análise, constroem e reconstróem a si próprios como profissionais. Essa afirmação ecoa como possível origem do preconceito que senti nas vozes ecoadas da análise da entrevista com a professora de inglês em relação à sua disciplina. No processo de construção e reconstrução de sua identidade como professora de inglês como LE e levando em consideração situações experimentadas dentro da escola em questão, provavelmente semelhantes às vivenciadas por mim exemplificadas nas notas de campo, creio que a entrevistada, após mais de dez anos de trabalho em tal ambiente, tenha assumido para si mesma a posição de estigmatizada, tomando emprestado o termo utilizado por Goffman (1988: 14). Ela acaba assumindo que a característica distintiva integrante do conceito de estigma e do estigmatizado já é conhecida ou imediatamente evidente por todos os integrantes daquele universo escolar. Logo, se as vozes dos professores de português e matemática ecoam a falta de necessidade em se aprender uma LE, a professora entrevistada acaba de alguma maneira agregando à sua voz aquilo que ouve das vozes preconceituosas dos outros, chegando a acreditar que sua disciplina é mesmo desnecessária.

O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos; isso é um fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é podem confundir a sua sensação de ser uma “pessoa normal”, um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima. (Na realidade, não obstante a forma em que se expresse, ele baseia suas reivindicações não no que acredita seja devido a *todas as pessoas*, mas apenas a todas as pessoas de uma categoria social escolhida dentro da qual ele inquestionavelmente está incluído, como por exemplo, qualquer indivíduo de sua idade, sexo, profissão, etc.). Além disso ainda pode perceber geralmente de maneira bastante correta que, não importa o que

os outros admitam, eles na verdade não o aceitam e não estão dispostos a manter com ele um contato em “bases iguais” (Goffman, 1988: 15).

Ao levar em consideração opiniões ou julgamentos formados sem levar em conta qualquer fato que os conteste, a professora de inglês acaba aceitando para si que sua disciplina tem menor valor ou importância se comparada a outras disciplinas integrantes do currículo escolar, principalmente português e matemática. Essa atitude torna-se refletida em suas palavras, comportamento dentro da sala dos professores, da sala de aula, na secretaria da escola, na representação que faz de si mesma como professora de inglês como LE, e contribui na representação que os integrantes desse ambiente constroem sobre ela. À medida em que acredita que não será aceita em tal universo e/ou não manterá com os outros um contato “em bases iguais” assume perante todos, inclusive ela mesma, que sua disciplina é termo acessório. Dessa maneira consegue aproximar-se dos outros integrantes do contexto pesquisado e sentir-se, tomando emprestado outro termo utilizado por Goffman (1988), “normal”; entretanto, sem perceber, acaba também gerando preconceito em relação à sua disciplina.

A formação do círculo vicioso apontado na figura 1 no capítulo 3 torna-se nítida em tal ponto. O professor desmotivado acaba desmotivando seus alunos, que tendem a dar mais atenção às disciplinas supostamente mais importantes. Daí, como no exemplo discutido no capítulo 4, a priorização de um trabalho em detrimento de outro, prática fossilizada pela maioria dos alunos de turmas onde professores aceitam trabalhos duas ou três semanas após o prazo estipulado. De acordo com a entrevistada, tal fato não representa preconceito por parte dos alunos em relação à LE estudada, mas é gerado por professores de outras disciplinas que acabam demonstrando para os alunos que suas disciplinas são mais importantes.

Concordo com a entrevistada quanto à origem do preconceito advindo por parte dos alunos em relação à língua estrangeira; em outros termos, concordo que alguns professores de outras disciplinas, especificamente aqueles que estigmatizam os professores de LE, conseguem até certo ponto influenciar alunos a crerem que inglês como LE é acessório. Entretanto, acredito que o próprio professor de LE também apresente papel importante em tal crença. Celani e Magalhães (*apud* 2002: 327) atestam que o processo de desvalorização do ensino

de LE é acarretado, em grande parte, pelos próprios professores de línguas. Apontam ainda que tal desvalorização tende a ser resultado da atitude de professores que consideram apenas “o contexto micro da sala de aula e da escola” não levando seu trabalho a sério e motivando o desinteresse dos alunos em aprender.

Tais fatos apontados e discutidos acima remetem-me a uma outra questão de pesquisa que diz respeito ao *status* que as disciplinas escolares recebem da Direção da escola, de seus funcionários, etc. Ficou nítido para mim que durante a análise dos dados as disciplinas português e matemática são eleitas pelos integrantes do universo escolar como as de mais prestígio, pois são as que mais reprovam alunos na escola. Tal fato pode representar a razão pela qual os professores dessas disciplinas assumem para si uma imagem de poder não adquirida por professores de outras disciplinas, assim como a preocupação demonstrada pelos alunos em relação às mesmas. No próprio texto dos PCN-LE atesta-se que a restauração do papel da língua estrangeira dentro da escola pública é um problema que precisa ser solucionado. Constatei que na escola em questão, o ensino de inglês como LE não se encontra no mesmo patamar que outras disciplinas, mas no geral, é considerado pela maioria como termo acessório, seja por alunos, professores de outras disciplinas e professores de LE.

O que percebo em relação aos PCN-LE, a Reorientação Curricular e a sala de aula de línguas dentro da escola pesquisada foi distanciamento e ausência de respostas para os ecos surgidos durante a análise, pois os textos dos documentos admitem a existência de problemas e até certo ponto sugerem soluções que devem ser tomadas por professores da área; porém, a realidade vivida na escola torna muitas das sugestões oferecidas impraticáveis.

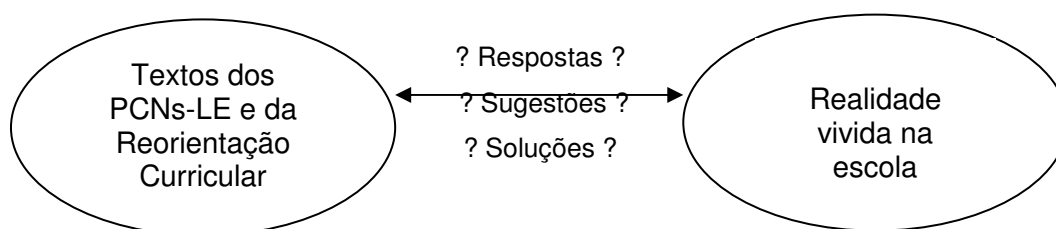


Figura 7: Incompatibilidade entre os textos dos PCN-LE e da Reorientação Curricular e a realidade da escola pesquisada

A menção nos PCN e na Reorientação Curricular de soluções que são inviáveis dentro da escola pesquisada, acaba ecoando outra voz questionadora, porém relacionada às autoridades governamentais, pois são estas as responsáveis pelos textos dos documentos citados acima. Não seria preconceito do próprio governo sugerir respostas para situações vividas dentro da escola estadual e não fornecer subsídios para que tais sugestões entrem em ação? Se o próprio governo através de seus atos distancia o ensino/aprendizagem de inglês como LE da escola pública, como pode o professor de LE ter motivação, e sentir respeito em relação a seu trabalho e profissão? Não haveria neste ponto geração de preconceito?

A intenção, na presente dissertação, foi estabelecer um diálogo com o futuro professor de inglês como LE em escola da rede estadual, seja do Estado do Rio de Janeiro ou não, com professores que tenham vasta experiência no magistério e/ou com aqueles que resolveram lê-la por motivos acadêmicos ou de pesquisa. A pretensão é de que as vozes geradas aqui e a análise das mesmas contribuam para a constituição de uma nova representação do professor de inglês como LE, pois as representações de professores encontradas nos PCN-LE, na Reorientação Curricular, nas vozes ecoadas da entrevista com a professora e das notas de campo refletem a necessidade da constituição do professor de línguas como ser profissional e responsável por sua formação contínua. A experiência de três anos na escola pesquisada revelou-me que o professor de LE encontra-se pouco equipado para desempenhar sua tarefa educativa. Esse fato se deve a vários motivos, entre eles, a já discutida falta de formação do docente em geral ou até mesmo a qualidade deficiente da mesma.

Ressalvo a importância da criação de um ambiente de reflexão para que o professor tenha oportunidade de se dar conta da natureza social do trabalho em sala de aula de língua estrangeira e da função social desse trabalho na escola estadual. Ao projetar-se, entender-se e representar-se como ser profissional, acredito que o professor de LE torne-se auto-crítico e consciente das práticas discursivas da sala de aula, capaz de analisá-las à luz dos objetivos a serem alcançados e dos conhecimentos que de fato são construídos por professores e alunos.

A educação contínua não pode ser vista em termos apenas de produtos – resultados de cursos, por exemplo –, mas sim deve ser entendida em termos de um processo que possibilita ao professor educar-se a si mesmo, à medida que caminha em sua tarefa de educador. É uma forma de educação que, não tendo data fixa para terminar, permeia todo o trabalho do indivíduo, eliminando, conseqüentemente, a idéia de um produto acabado – por exemplo, dominar uma certa técnica –, em um momento ou período determinados (Celani, 2003: 22).

Esse processo de reflexão que gera a necessidade de uma formação contínua poderá tornar-se doloroso, visto que põe em xeque toda uma experiência de vida, tanto pessoal quanto profissional; entretanto, por mais que o mesmo pareça lento, afirmo com segurança que ele é viável. Hoje, posso assegurar que muitas atitudes em relação à minha disciplina e à minha pessoa como professora de inglês como LE dentro da escola pesquisada estão em processo de mudança. Não vivencio uma situação que qualifique como ideal, pois acredito que a mesma seja inexistente. Represento-me como professora de inglês como LE e profissional em um contexto repleto de situações e problemas, como ausência de material didático, máquina copiadora e mimeógrafos estragados, mais de quarenta alunos em sala de aula, cancelamento de aula devido a morte de traficante do bairro, entre outros, que apesar de tudo citado acredita que as coisas podem ser diferentes. Não há soluções mágicas, mas muito trabalho pela frente. Represento-me, hoje, como ser profissional que se assume como intrinsecamente ligada às mudanças do mundo contemporâneo.

Meu pressuposto é de que, a “qualidade de vida” em sala de aula será maior na medida em que alunos, professores e/ou colegas tenham um maior entendimento sobre as questões que surgem a partir da reflexão sobre suas vidas neste espaço ou no contexto profissional. Nessa perspectiva, entendo “qualidade de vida” como a natureza das relações vivenciadas pela/na comunidade de aprendizagem e do processo ensino-aprendizagem que acontece dentro e fora desta comunidade, que pode ser integrada, por exemplo, por professores, professor(es) e aluno(s), professor(es) e pesquisador(es), professor(es)/ alunos e pesquisador(es) externo(s) (Miller, 2003). Nós, seres humanos, construímos o caminho que vamos seguir e viver, e nós, professores de LE, construímos a vida que teremos em sala de aula e como vamos vivê-la. A “qualidade de vida” deve ser não apenas conceituada, mas *vivenciada e inserida* no universo escolar em si.

A contribuição sobre como funciona o discurso na vida social contemporânea parece ser fundamental em uma sociedade semiotizada e na qual a tecnologia adquiriu papel central na mediação dos discursos. Concordo com Moita Lopes (2003: 40) que afirma acreditar que se não tivesse tido acesso à língua inglesa e aos discursos para os quais ela lhe abriu porta seria outra pessoa. Penso que eu também seria outra pessoa, e embora testemunhe e enfrente obstáculos em minha jornada, não consigo me imaginar em outro caminho, pois trabalho com o coração.

Retrato a questão do afeto pela primeira vez em minhas vozes finais por que após os momentos de reflexão e todos os questionamentos constituídos na presente pesquisa, sinto que o amor pelo que faço acaba auxiliando minha busca por melhorias e fazendo-me acreditar que devo seguir em frente, mesmo com as adversidades já discutidas. Acredito até que essa seja a reflexão mais valiosa constituída na pesquisa, pois esse amor ao que faço me faz querer transformar o preconceito sentido e relacionado à mim, como pessoa, professora de inglês como LE e à minha disciplina, em respeito e, quem sabe, admiração. Chomsky (1988 *apud* Arnold & Brown, 1999: 13) aponta a importância de ativar a motivação²⁵ dos aprendizes. Segundo o autor “a verdade da questão é que aproximadamente 99 por cento do significado de ensinar relaciona-se a fazer os alunos se sentirem interessados no material” (1988: 181). Parafraçando-o, acredito que grande parte do significado do que faço dentro e fora do universo escolar precisa relacionar-se com a(s) maneira(s) com que os integrantes desse universo sentirão o valor que dou e o amor que sinto pelo que faço e à disciplina que leciono. Pois, creio que ao perceberem que levo minha disciplina à sério, e que gosto muito do que faço, o nível de interesse em aprender a LE ensinada tenderá a crescer dentro de minha sala de aula, minimizando atitudes preconceituosas advindas de qualquer parte.

Hoje, a professora de português geradora da primeira nota de campo, que de certa forma acabou auxiliando o início da presente pesquisa, é uma de minhas melhores colegas de trabalho dentro da escola. Tornou-se uma grande amiga que soube perceber, utilizando as palavras dela mesma, que “o trabalho realizado (por mim) é sério”. De forma curiosa, encerro a pesquisa com um enunciado dela em

²⁵ O termo “motivação” é tratado por mim aqui seguindo Arnold & Brown em *A map of the terrain* (1999: 13), onde os autores consideram a motivação como uma variante afetiva que energiza o comportamento dando-o direção.

uma conversa comigo que ecoou várias vozes e ensinou-me muito. Certa vez, enquanto conversávamos na sala dos professores sobre as dificuldades que alguns de nossos alunos na época tinham para freqüentar a escola devido a situação financeira precária, e até mesmo dificuldade de aprendizagem, ela disse-me: “Aqui nós conquistamos todos pelo coração”. Agora, após as reflexões geradas, entendo junto com ela que o amor ao que fazemos torna-se o melhor remédio. Acredito ainda, que o afeto sentido por mim e demonstrado em minhas atitudes dentro da escola refletiu e ecoou nela como seriedade, fato que iniciou sua mudança de atitude em relação à mim e à minha disciplina, assim como o propiciamento de uma união e amizade entre nós. Não existe uma “cura” para todos os problemas vivenciados; porém, “sem amor, nada teríamos”.

Durante toda a pesquisa, inúmeros questionamentos ecoaram das vozes ouvidas; entretanto, afirmo que não proponho respostas para os mesmos, mas reflexões contínuas. Inglês é acessório? Para alguns, comprovei que sim, porém meu trabalho enquanto professora de inglês resume-se em acreditar que por meio dos ecos ouvidos na polifonia do dia-a-dia, nas reflexões propostas, na construção e reconstrução do professor de línguas como profissional, e no amor que devemos inserir ao que fazemos, caminhos e portas se abram levando a um horizonte onde atitudes preconceituosas e estigmatizadas tornem-se cada vez mais minimizadas, e quem sabe um dia, inexistentes.